

Remigração e Etnicidade

Trânsito Colonial Entre a África de Leste e a Europa

Nuno Dias

REMIGRAÇÃO E ETNICIDADE

TRÂNSITO COLONIAL ENTRE A ÁFRICA DE LESTE
E A EUROPA



LISBOA, 2016

© Nuno Dias, 2016

Nuno Dias

Remigração e Etnicidade. Trânsito Colonial Entre a África de Leste e a Europa

Primeira edição: maio de 2016

Tiragem: 200 exemplares

ISBN: 978-989-8536-XX-X

Depósito legal:

Composição em caracteres Palatino, corpo 10

Conceção gráfica e composição: Lina Cardoso

Capa: Lina Cardoso

Revisão de texto: Gonçalo Praça

Impressão e acabamentos: Realbase

Este livro foi objeto de avaliação científica

Reservados todos os direitos para a língua portuguesa,
de acordo com a legislação em vigor, por Editora Mundos Sociais

Editora Mundos Sociais, CIES, ISCTE-IUL, Av. das Forças Armadas, 1649-026 Lisboa

Tel.: (+351) 217 903 238

Fax: (+351) 217 940 074

E-mail: editora.cies@iscte.pt

Site: <http://mundossociais.com>

Índice

Índice de figuras e quadros	ix
Prefácio	xi
Introdução	1
1 Dos impérios mercantis aos sistemas de trabalho contratado (1498-1880)	9
O domínio europeu sobre as rotas marítimas índicas e a formação do sistema-mundo capitalista.....	12
As grandes companhias comerciais e a mercantilização da produção têxtil indiana.....	19
A Revolução Industrial e a vantagem competitiva dos têxteis britânicos.....	23
A abolição da escravatura e os novos fluxos coloniais.....	27
<i>Coolies</i> e comerciantes: os novos sujeitos coloniais.....	30
2 Os hindus na África Oriental Britânica. Mercado e processos de racialização (1880-1963)	35
África e a questão colonial: a fundação dos contextos de receção.....	39
A centralidade de Zanzibar na formação das redes migratórias indianas no Leste Africano.....	46
Da migração temporária à fixação: as minorias étnicas intermediárias	50
Casta e sociabilidades.....	55
Da invenção da tradição à racialização do Império.....	64
3 Os hindus na África Oriental Portuguesa. Moçambique, inter-etnicidades e o mito da excecionalidade portuguesa (1686-1974)	77
A Ilha de Moçambique e o domínio <i>baneane</i>	81
A colonização <i>de facto</i> e a consolidação do estabelecimento hindu em Moçambique.....	85

	As relações interétnicas no império colonial português e a presença hindu em Moçambique	91
	Representação e ambivalência na produção do Outro: a (re)migração como condição identitária	97
4	Marginalidades imperiais e cidadanias pós-coloniais.	
	As independências na África Oriental.....	101
	Sociedades plurais e plurirraciais: os aspetos legais da presença hindu na África Oriental britânica e na África Oriental portuguesa	104
	Do “Mandato” ao socialismo de Nyerere — a história de Manu.....	113
	“Cristalização comunitária” e perseguição étnica — o Uganda de Kantibhai	119
	O desmantelamento da África Oriental britânica e o transnacionalismo como contingência — a história de Prakash.....	126
	Estrutura (familiar) e agência — o “desencastramento” de Rajesh.....	130
5	Reconfigurações pós-coloniais. O fim do império do algodão e a população hindu de Manchester	135
	As migrações na história de Manchester	137
	A reproblemática contínua como circunstância etnográfica.....	140
	A imigração indiana para Inglaterra no pós-Guerra.....	144
	Concentração residencial e a produção da fronteira étnica	147
	A prática religiosa como <i>locus</i> de sociabilidade étnica	154
6	A presença hindu em Portugal. Dos padrões migratórios aos mecanismos de produção do étnico.....	161
	A imigração para Portugal: história e números	163
	A persistência da casta: remigração e recomposição social	168
	Comunitarização, dispersão e desarmonias associativas.....	172
	Redes, mercado e identidade: entre a teoria e a produção da categoria	182
7	A construção da diferença e as populações hindus do Leste Africano. A etnicidade como processo histórico.....	189
	Migrações económicas no subcontinente: sobre a adequação da noção de diáspora.....	192
	O pós-guerra, a transição paradigmática e a continuidade na mudança.	197
	Os hindus enquanto grupo.....	203
	Discriminação, visibilidade e a memória coletiva como recurso adaptativo	207
8	Conclusão	213
	Referências bibliográficas.....	219

Índice de figuras e quadros

Figuras

1.1	Oceano Índico e zonas de influência.....	10
2.1	Quênia	43
3.1	Moçambique.....	78
4.1	Tanzânia	114
4.2	Uganda.....	121
5.1	Localização relativa de Manchester e Ashton-under-Lyne no Reino Unido.....	136
5.2	Festejos do <i>diwali</i> no <i>mandir</i> em Ashton	142
5.3	Detalhe do <i>mandir</i> de Ashton-Under-Lyne	157
5.4	Panorâmica das instalações sociais e <i>mandir</i>	158
6.1	Perspectiva frontal das instalações ainda por concluir do templo do Lumiar	178
6.2	Estátua de Ghandi e de sua mulher no jardim junto ao <i>mandir</i> do Lumiar	179
6.3	Instalações e <i>mandir</i> da Comunidade Hindu de Portugal	180

Quadros

1.1	Variação do comércio de têxteis entre Inglaterra e Índia (1814-1828) ...	22
2.1	Evolução da população de origem indiana nos territórios sob administração britânica	45
5.1	Crescimento da população indiana e paquistanesa 1951-2001.....	145
5.2	Principais minorias religiosas residentes na área metropolitana de Manchester	146
6.1	Evolução da população estrangeira em Portugal 1980-2007.....	167

Prefácio

Nuno Dias pega-nos pela mão e leva-nos por um trilha longo e fascinante através do qual revisitamos a história da modernidade. Impelidos pelo tráfico de tecidos, saímos de Diu, na Índia ocidental no século XVIII, e metemo-nos às águas negras do Mar Índico, logo chegando à costa da África oriental. As praias de Mombassa, Zanzibar, e Moçambique vão-se abrindo à nossa visão.

Já no século XIX, vamos entrando pelo interior do continente afora e participando cada vez mais da estruturação da modernidade colonial — as cidades, as indústrias, as escolas, a burocracia colonial. Depois, nos meados do século XX, assistimos perplexos ao fim do colonialismo, às independências africanas e aos seus inesperados e dolorosos resultados. E logo nos deslocamos para a Europa, onde os essencialismos que nos perseguiram em África acabam por reemergir; as acusações e as suspeitas — o nosso estranhamento — não param. Por isso, as estratégias de sobrevivência antigas voltam a ser convocadas. Em Lisboa por um lado, para os que vêm de Moçambique; em Manchester por outro, para os que vêm das colónias inglesas, as semelhanças são tantas quanto as diferenças. Emerge, porém, uma aparência de família na forma da resposta. O imperialismo neocolonial deslocado para as grandes cidades europeias não é tão distante assim, afinal, do momento colonial que o precedera. Por fim, no início já do nosso século, encontramos-nos perante caminhos étnicos que se desenham, mais uma vez, incertos no cenário de uma Europa neoliberal em plena desagregação económica, moral e política. De cada vez que um qualquer sujeito toma uma decisão pessoal (uma escolha matrimonial, uma aliança comercial, uma decisão de percurso escolar) a experiência colectiva onde ele próprio se encontra vai sendo moldada. Não moldada mecanicamente, mas estocasticamente; quer dizer, ninguém sabe no momento em que uma decisão é tomada se ela vai ser irrelevante, perdendo-se no meio de tantas outras soluções previsíveis, ou se vai abrir novos caminhos. É o tempo, é a acumulação de decisões, é a mudança nos contextos, são as decisões dos outros, as coisas que se nos oferecem por acaso, ... é tudo isso que acaba por decidir o que foi uma migração — uma 'diáspora', se se quiser. A beleza da peregrinação que Nuno Dias nos revela não é a beleza de um sujeito que se revela a si mesmo na continuidade de uma maior e

maior essencialidade. Pelo contrário, a beleza é que a essência está sempre dependente da existência e é a continuidade da existência humana, não a sua identidade transtemporal, que acaba por ser revelada num estudo como este.

Por isso, é legítimo que nos perguntemos com Nuno Dias: que é que este percurso tem de comum para além do próprio percurso? Que há nesta história que conceda uma essência a quem a fez? Quem 'são' os sujeitos do estudo? Estamos aqui perante a grande aporia que sempre confrontou quem estuda etnicidade sem nela se querer emaranhar. Esta é, afinal, a resposta que o autor felizmente não nos quer dar. Será que isto é mesmo 'uma' diáspora? A unicidade dos sujeitos do estudo esboroa-se na sua mão a cada momento. E isso significa que o leitor fica em suspenso até ao fim, por muito que isso dificulte a narrativa. Mas essa — nós sabemos já há muito tempo — é a única solução verdadeira para quem quiser fugir às armadilhas políticas da essencialização. A essencialização a que os sujeitos do estudo se dedicam é um luxo ao qual o analista não pode sucumbir, sob risco de se tornar inimigo desses mesmos sujeitos quando, num momento posterior, eles se dedicarem mais uma vez à tarefa de Sísifo da essencialização.

O livro que o leitor tem entre mãos é ainda fascinante pela estrutura analítica interdisciplinar que convoca: o enredo é de economia política, a metodologia é essencialmente sociológica, mas o desenlace revela-se, afinal, antropológico. Se durante o grosso do texto seguimos a forma como a evolução dos movimentos comerciais face à constituição de impérios incute pessoas e famílias a moverem-se entre terras e continentes, chegados ao fim deparamo-nos com o facto de que o que garante o percurso, o que estabelece a continuidade identitária de geração em geração (garantindo ao mesmo tempo uma condição étnica em constante evolução), é uma forma específica de criar alianças entre parentes. O mecanismo que assegura a identidade continuada é a endogamia de casta — mesmo face à instabilidade essencial do conceito de casta, e até por causa dela. Trata-se de uma condição étnica que traz consigo, por um lado, privilégios mas, por outro, também fortes diminuições. Voltamos, então, à economia política: a condição de indiano/hindu/gujarati/south Asian/etc. é um meio de negociar condições de vida a nível global; é uma aceitação de subalternidade relativa (o assumir de uma posição intermédia em contextos imperiais, coloniais e pós-coloniais). Ela traz consigo o peso do 'estranhamento' mas, ao mesmo tempo, é o que assegura uma margem de negociação da opressão imperial. A condição de estrangeiro permanente é recidiva com esta gente, porque é o outro lado da moeda da fuga a formas ainda piores de exploração imperial.

A história destas gerações de gentes oriundas do Guzerate é uma história política e económica, mas o que os mantém enquanto eles (mesmo face à instabilidade das entidades — castas — que criam) não são os deuses, os mitos, os templos, as línguas, as 'culturas'. O que os mantém em continuidade histórica é esse molde antropológico que o hinduísmo inicial tinha instituído ao mobilizar formas de endogamia agnática que, não garantindo 'comunidade', facilitam redes de colectivização. Valores que originam no hinduísmo gujarati acabam por funcionar como dispositivo de viabilização de (a) continuidades históricas de existência (mesmo face à instabilidade da essência) e (b) negociações de subalternidade que

asseguram privilégios (sociais e económicos) sem, contudo, chegarem jamais a assegurar hegemonia.

Em suma, o que eles são vai mudando, os lugares onde eles estão vão mudando, o que eles fazem vai mudando, mas de geração em geração fica uma continuidade e uma forma de negociar a opressão imperial. O que assegura a continuidade desse 'privilégio' é a endogamia agnática — quer dizer, o casamento recorrente no interior de estruturas de parentesco tendencialmente patrilinear. O autoemprego e o empreendedorismo que se instituem como condição de classe seriam impensáveis sem ela. Por isso, os casos que agora causam tanto mal estar na Inglaterra, não são casos esporádicos de desumanidade, são sim o outro lado do que permitiu o esplendor do movimento humano transcontinental que este livro desenha contra o pano de fundo da ameaça constante da opressão imperial.

É com grande satisfação que acompanhamos o emergir desta análise que, pela sua ambição histórica, consegue ir mais além dos limites usuais dos estudos de etnicidade. Mais do que um exemplo do que as ciências sociais podem contribuir para o nosso mundo, a pena de Nuno Dias abre-nos à revelação de um nexo histórico que nos rodeia e que, assim, se revela a nós e a si mesmo.

João de Pina-Cabral

